

O Riso de Sigmund Freud

Sigmund Freud's Laugh

Luciano Bedin da Costa¹

Resumo: Este ensaio faz uso da literatura de Henry Miller (1891-1980) para pensar alguns aspectos do discurso psicanalítico freudiano do século XX, problematizando o seu caráter inventivo e ficcional. A filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900) e de Gilles Deleuze (1925-1995) é utilizada como suporte para sustentar a tese de que a teoria psicanalítica, como toda teoria, é criação de mundos. Saibamos, pois, ouvir o riso da invenção.

Palavras-chave: filosofia; riso; invenção; psicanálise; literatura.

Abstract: The present essay makes use of the literature of Henry Miller (1891-1980) in order to shed light on some aspects of Freudian psychoanalytic discourse of the 20th century; its inventive and fictional character is discussed herein. The philosophy of Friedrich Nietzsche (1844-1900) and Gilles Deleuze (1925-1995) is used as to support the thesis that, just as all theories are, psychoanalytic theory is a creation of worlds. Hence, let's listen to the laugh of invention.

Keywords: philosophy; laugh; invention; psychoanalysis; literature.



Escritor no divã*

O ano é 1934 e a cidade é Paris. Henry Miller é convencido por Anaïs Nin a se consultar com o psicanalista Otto Rank. Sobre o encontro, Miller escreve:

¹ Psicólogo, Doutor em Educação e Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Autor de *Estratégias biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller* (Sulina, 2011) e co-organizador de *Vidas do fora: habitantes do silêncio* (UFRGS, 2010). E-mail: bedin.costa@gmail.com

* Frame retirado do documentário *Henry Miller Odyssey* (1974), direção de Robert Robert Snyder.

[...] Toda a entrevista, com a duração de uma hora, decorreu com a rapidez de um pesadelo e se uso inconscientemente a palavra pesadelo é porque quero dizer isso mesmo; porque em certo sentido, houve uma brilhante permuta de ideias, uma tremenda e insondável exaltação por descer ao mais fundo de mim mesmo, o recalçamento de muitas vidas, muitas falhas, muitas dúvidas. Uma vez cá fora, fiz uma intensa apreciação dos poderes de um analista, no sentido de ele conseguir adivinhar a situação, transformar os materiais de uma discussão, de fazer deles a síntese mais completa (um esforço que eu fiz com ele, talvez até mais do que ele!), e o resultado foi uma cura brilhante e artística. Quero dizer: à mercê da minha longa preparação, da minha receptividade, da minha sede, consegui, através do contato rápido com o íntimo cerne do homem, sair curado – tanto quanto é possível. Curado. De quê? Custa-me a usar a palavra. É claro que não foi como doente que entrei naquele gabinete e é possível que eu não tenha saído de lá curado no sentido em que a palavra é empregada mesmo na gíria psicológica. Vinha curado, é um fato, de uma certa timidez que aliás tínhamos discutido minutos antes de eu ter ido para lá. O que eu precisava era do grande desafio, do teste do ácido, e foi isso que tive. E o ponto a que Rank chegou, após trinta anos de lutas, trabalhos, pesquisas, explorações, etc, etc, a esse ponto que cheguei eu próprio, com a firmeza igual, talvez superior, posso afirmá-lo, não obstante as desconfianças da minha alma. O trifunfo baseia-se na percepção da situação total: não foi preciso duelo para sair vencedor, foi mais uma passagem preliminar sem armas, em que se experimentam mutuamente as energias [...]. Sim, estou a dramatizar, mas é isto o que de momento posso fazer: dramatizar, poetizar tudo. (MILLER, 1997, p.108-109)

Henry Miller, o autor da carta, é o escritor americano expatriado em Paris, que viria a publicar neste mesmo ano o seu primeiro grande romance, *Trópico de Câncer*, um apanhado de vivências e recordações dos primeiros tempos na Cidade Luz. O insaciável e voraz escritor devora e absorve cada gota do cotidiano com frenesi, anota conversas de estranhos em bilhetes de trem e recibos de restaurantes. Anota para à noite vomitá-las sobre a folha de papel num exercício datilográfico capaz de abrir novos mundos com precisão cirúrgica. "Henry, o bulímico", escreve Bouyeure (1970, p.103). Todavia, a necessária introspecção do artista necessita destes espelhos reveladores: é o rosto indeterminado do outro que dita a indeterminação de sua própria literatura. O discurso milleriano é povoado por constelações de signos dispersos – os personagens que habitam suas obras têm o tom de um coletivo, embora sejam crivados por singularidades incapazes de serem confundidas. Falamos de uma sutil disponibilidade para com os mistérios da cidade e seus encontros, de uma escritura que se dobra ao simples, da força de um cotidiano reinventado na medida em que é narrado em sua multiplicidade de atravessamentos. É o caso daquilo que Deleuze (1991) escreve, de que o múltiplo não é só o que tem muitas partes, mas o que é passível de ser dobrado de muitas maneiras. A arte de Miller está na forma como dobra o simples, nas fissuras que opera com o óbvio.

Deus sabe que já vivi em Paris o tempo suficiente para não me sentir surpreendido com coisa alguma. Aqui não é necessário procurar deliberadamente aventuras, tal como

acontece em Nova Iorque... só é preciso ter um pouco de paciência e aguardar; a vida virá ao nosso encontro nos locais mais incríveis e obscuros e as coisas passam-se aí. (MILLER, 1985, p.13)

É nesta paciência, neste pairar sobre estados de disponibilidade, que se dá em Miller a escuta do mundo. Na alteridade, nesta experiência de estranhamento no outro (e não do outro), o rosto deste que atende por "eu" é inscrito.² Todavia, de acordo com Deleuze e Guattari (1996), haveria no rosto uma espécie de política, esta distante dos apelos identitários ou individualizantes. Se há um destino no homem, este seria o de tornar-se uma espécie de clandestino no seu próprio rosto, um estrangeiro neste estranho território chamado eu. Mas como haveríamos de pensar neste estado de clandestinidade/estrangeiridade identitária sem a presença do outro? Na literatura milleriana o outro compõe, tem a força do verbo em questão. O plano de composição tem isto de "por em conjunto", *com/por*, num ato que agrupa e ao mesmo tempo deforma as substâncias, num jogo onde territorializar-se já é estar sendo preparado para uma nova desterritorialização, esta operada sempre numa relação.

Ao analisar a obra de Miller, Boyeure (1970, p.103) escreve: "Os outros são seus psicoterapeutas. Ele se instalou na vida como num divã de psicanalista e fala, fala, fala sem pudor, sem restrição, encontrando assim sua paz." Ainda que a referida citação possa nos remeter a uma espécie de psicanalização da vida, a um decalque da vida por um viés psicanalítico ("a vida como um divã"), parece-nos que o enunciado conduz a um outro tipo de posicionamento. Em Miller, assim como nesta instância chamada eu, o paradoxo é sempre algo estruturante, mesmo que a vivência paradoxal nos seja extremamente desconfortante. O certo é que, em suas quebras e retomadas literárias, a literatura milleriana acaba por dialogar com o discurso psicanalítico da época, numa espécie de amizade ao melhor estilo nietzschiano. "É preciso amar no amigo o inimigo", escreve Nietzsche (1953, p.60). Ora, é mister na experiência da amizade que haja alguma forma de interdição. Ao contrário da imagem dogmática e romantizada, do amigo como cara-metade ou par ideal, a perspectiva nietzschiana o situa como um terceiro, a válvula que justamente impede o eu de retornar cegamente a si-mesmo. É contra o ensimesmamento que o amigo entraria, colocando o eu numa zona de desconforto, num espaço onde este se reconhece e ao mesmo tempo se estranha. "Já viste dormir o teu amigo para saber como és? Qual é então a cara do teu amigo? É a tua própria cara num espelho tosco e imperfeito." (NIETZSCHE, 1953, p.61)

2 A literatura de Henry Miller é nitidamente autobiográfica; na grande maioria de suas obras, o narrador atende em primeira pessoa, distendendo a narrativa segundo sua própria perspectiva.

Biograficamente poderíamos inferir que o contato de Henry Miller com a psicanálise se deu na década de 30, sob tutela de Anaïs Nin, sua amante e amiga literária. Ela havia se consultado em Paris com o francês René Allendy, que misturava o freudianismo ortodoxo com alquimia, astrologia e numerologia. Após algum tempo sob tutela de Allendy, com o qual manteve uma secreta relação amorosa, Anaïs sente que é hora de abandonar seu psicanalista.

Hoje Allendy tentou não reconhecer que estou bem. Quer que eu precise dele. Sua análise foi menos perfeita uma que vez que agora há um elemento pessoal nela. Pude ver o desmoronar de sua objetividade. Fico impressionada de ver que este homem, que conhece o pior a meu respeito, esteja tão fortemente atraído. Eu sou sua criação. (NIN, 2008, p.232)

Otto Rank (1884-1939), psicanalista austríaco, até então discípulo de Freud, passa a acompanhar Anaïs. Ela parece sentir a necessidade de figuras profissionais para lidar com os abalos sísmicos provocados pela experiência pessoal de mergulho nas turvas águas da moralidade. A psicanálise emergente de Rank surge como pedra de toque em seu projeto existencial. Todavia, Miller o sente como um rival, sentindo ciúmes da influência de Rank sobre Anaïs, suspeitando, inclusive, que os dois pudessem ser amantes. Para além das anedotas e curiosidades biográficas, a literatura de Miller, sobretudo em suas cartas, oferece-nos um rico material para pensarmos sob que condições o discurso psicanalítico se consolida e se mantém durante o tempo. Pode-se dizer que, sob a máscara de Rank, uma espécie de amizade se dá entre o pensamento milleriano e o discurso psicanalítico, uma psicanálise de todo modo vacilante e repleta de paradoxos. Nas cartas endereçadas a Anaïs e a alguns outros amigos pode-se perceber o inusitado desta relação, o quanto a clínica torna-se um campo problemático e ambivalente para o autor. O problema da clínica, segundo Deleuze (2006, p.320), seria o de "[...] fazer passar algo que não se deixa e não se deixará codificar. Fazê-lo passar num novo corpo, inventar um corpo no qual isso possa passar e fluir, um corpo que seria o nosso, o da terra, o do escrito [...]". Mas, enfim, que corpo é este que se constitui entre Miller e a psicanálise de seu tempo? O que este corpo escrito deixaria passar? Que códigos seriam postos em xeque em sua literatura?

Não é preciso irmos muito longe para percebermos a presença freudiana na literatura de Miller, sobretudo em suas passagens mais oníricas ou revestidas por conteúdos sexuais. Todavia, trata-se de um Freud assediado por Nietzsche (Henry Miller tinha em seu cabedal de leituras algumas obras nietzschianas), de uma clínica que se vê enveredada ao problema da

invenção. Dentre tantos pontos que compõem a rica arquitetura de sua obra, o pensamento nietzschiano problematiza o caráter fabulatório da existência do homem moderno, sem atribuir-lhe, entretanto, o peso de uma condenação culposa. De acordo com o filósofo, somos condenados a viver nossas próprias ficções, a nos acomodarmos ou transbordarmos a imagem por nós sustentada. "A natureza acomodou o homem em flagrantes ilusões", escreve Nietzsche (2007, p.73). Neste sentido, tudo o que fazemos, vivemos e experimentamos em nossas vidas está situado em nossa trama ficcional. O homem enveredado ao tecido do mundo cria para si fios de amparo que, ora o tranquilizam, ora o colocam em situação de angústia. Lambuzados pela saliva do irreal construímos noções de realidade, e a esta construção chamamos de vida. "A sentença deve ser declarada: vivemos somente através de ilusões, sendo que nossa consciência dedilha a superfície. Há muita coisa que se esconde diante de nosso olhar." (NIETZSCHE, 2007, p.73). Isto que se esconde e se apresenta diante do (e no) olhar talvez seja a ponte entre o pensamento nietzschiano e freudiano, a superfície onde a travessia do pensamento milleriano efetivamente se desenrola. De acordo com Ferguson (1991, p.249), Henry Miller admitia que Freud era o tipo de artista que mais lhe atraía, o estrangeiro determinado, ridicularizado por suas ideias, que em seu desejo fanático de realizá-las preferiu inventar um mundo próprio que se adaptasse a elas, criando uma mentira, uma ficção, não o mundo como ele é, mas o mundo como deveria ser, como ele o desejava. A força do pensamento fictício em Freud o colocava, segundo a opinião do escritor, no mesmo nível dos poetas e líderes religiosos.

Pelo que se percebe, a crítica milleriana à psicanálise não se dá pelo seu teor inventivo (aliás, este é um ponto a ser celebrado). O que Miller parece questionar é o "[...] desejo inconsciente do médico em explorar a doença." (MILLER³ apud FERGUSON, 1991, p.250), a vontade deste divã pintar o mundo segundo sua própria paleta de cores. Em carta ao amigo e artista Hilaire Hiler, Miller escreve:

É inevitável que, com a crescente autoridade do analista, ocorrerá uma crescente área de neurose – ela vai se tornar universal. A neurose vai assumir seu lugar legítimo na hierarquia de nossas doenças, como a tuberculose, o câncer, etc. Ele vai criar um lugar, um nicho para ela, e quanto mais fingir lutar, mais fortemente entrincheirada vai ficar... A neurose é uma parte tão definida e fixada de nossa vida (do homem moderno, ocidental), como a máquina, o avião, os arranha-céus, etc. Este é o material, a configuração psíquica que queremos. E no momento que quisermos outra configuração nós a teremos – só pelo fato de a quisermos. (MILLER⁴ apud FERGUSON, 1991, p.250)

³ Trecho de carta pessoal escrita por Miller. Na obra consultada não constam dados de publicação.

⁴ Trecho de carta pessoal escrita por Miller. Na obra consultada não constam dados de publicação.

Ora, Miller parece enfático ao aceitar a força da psicanálise enquanto formação discursiva, o seu caráter inventivo, fictício e epidêmico. O que parece-nos alvo de sua crítica é o fato deste discurso tornar-se uma espécie de imperativo categórico da existência de seu tempo.

No início de 1935 o escritor desembarca em Nova Iorque, indo morar com Anaïs Nin no endereço onde ela acompanhava alguns pacientes analisados por Otto Rank. Sobre este acontecimento escreve Ferguson:

[...] em alguns momentos, Miller conversa com os pacientes de Rank e Nin, achando-os fraudes egocêntricas que haviam lido o suficiente para se passarem por doentes. Tudo o que realmente queriam era falar sobre si mesmos, e ele, com com seu repertório de truques de ouvinte, incluindo o olhar perdido e um resumungo e grunhido contínuos, quase inaudíveis, era o homem ideal para o serviço. (FERGUSON, 1991, p.260)

Estando ou não direcionada a Rank, ao suposto oponente em seu amor por Anaïs Nin, a ironia milleriana, ao tecer a figura caricaturizada do psicanalista de seu tempo, parece-nos querer outra coisa. É do desejo psicanalítico de agarrar o mundo que Miller parece querer dizer, ainda que seu verbo e suas artimanhas linguísticas estejam carregadas de ressentimento. “Mas a psicanálise vai explicar isso tudo. Ah, sim! A psicanálise, a seu tempo, explicará tudo. É a nova religião do Estado, *sic hoc semper aeternitus...* ou qualquer coisa do gênero.” (MILLER, 1997, p.136)

Todavia, ainda o Estado e a Religião não passam de uma grande invenção. É preciso não levá-los tão a sério e talvez isto seja o começo para uma grande saúde nietzschiana. Trata-se, pois, daquilo que Nietzsche (1995, p.17) tão bem já nos advertia, de que é preferível ser um sátiro a ser um santo. Em carta a Anaïs Nin, Miller escreve:

Se os bancos falirem todos, serás mais feliz? Aceitarás o cargo de vice-presidente no reino da neurose? Ou na república da esquizofrenia? Ao fim e a cabo, isto fica fora do meu sistema, quero escrever sobre isto uma ópera cômica. Só no reino das ideias é que a vida é séria; senão é triste e trágica. Talvez mais triste do que trágica. (MILLER, 1997, p.108)

Ao final, para Miller, na tentativa de ser excessivamente explicativa, a psicanálise freudiana escorregaria no fato ser demasiadamente sisuda, de não querer ser tão engraçada e leve quanto efetivamente pode. Sobre isto, Anaïs escreve:

A única coisa que a psicanálise consegue é fazer a pessoa mais consciente de suas desgraças. Adquiri um conhecimento mais claro e aterrorizante dos perigos em meu curso. Ela não me ensinou a rir. Fico aqui esta noite tão sombriamente quanto ficava quando era criança. Só Henry, o mais vivido de todos os homens, tem o poder de me fazer feliz. (NIN, 2008, p.237)

Anaís, ao que parece, percebia em Miller um sorriso. Saibamos, então, ouvir a risada de Freud.

Referências

BOUYEURE, Claude. Miller et les autres. In: **Planète Plus**. Henry Miller: l'homme et son message. Juin 1970, n.16.

DELEUZE, Gilles. **A dobra**: Leibniz e o barroco. Campinas: Papirus, 1991.

_____. **A ilha deserta e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: 34, 1996. v. 3.

FERGUSON, Robert. **Henry Miller**: uma vida. Porto Alegre: L&PM, 1991.

MILLER, Henry. **A sabedoria do coração**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

_____. **Cartas a Anaís Nin**. Portugal: DIFEL, 1997.

_____. **Opus Pistorum**. Lisboa: Dom Quixote, 1985.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1953.

_____. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Sobre verdade e mentira**. São Paulo: Hedra, 2007.

NIN, Anaís. **Henry & June**. Porto Alegre: L&PM, 2008.